

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

52

Sumário:

Questões de Política Agrícola	1
Capacidade do Rebanho Bovino Brasileiro e as nossas Estatísticas	6
O Milho no Brasil e o Mercado Mundial ...	9
Necessidade Mínima de Farelo de Trigo para a Avicultura Paulista.....	15
Preços no Interior	18
Situação da Pecuária	19
Situação da Lavoura	21
Mercados e Preços	25
Estudo de uma Propriedade de Engorda de Gado Bovino, na Região de S. Pedro Exportação para o Exterior, Importa- ção de Cabotagem e do Exterior pelo Porto de Santos	30 35/37

A N O II
Nº 1
JANEIRO 1952

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

POLÍTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (chefe)

Engº Agrº Salomão Schattan

PREVISÃO DE SAFRAS E CADASTRO

Engº Agrº Mario Zareni (chefe)

Engº Agrº Oswaldo Baptista da Costa

MERCADOS E PREÇOS

Engº Agrº Rubens de Araujo Dias (chefe)

Engº Agrº Constantino Carneiro Fraga

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RURAL

Engº Agrº Osear J. T. Etori (chefe)

Engº Agrº Fernando S. Gomes Junior

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Ismar Ramos

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Brasil

Comissão Nacional de Política Agrícola: Por ocasião da instalação dos trabalhos desta Comissão, o sr. Ruy Miller Paiva, proferiu uma oração, que transcrevemos em parte :

" Quem olha para a agricultura nacional, em sua extensão, sente no espírito um conflito de apreciações. De um lado sente o desejo de aplaudir certas arrancadas heroicas desses quatrocentos anos de civilização, como sejam: cafezais, em linhas intermináveis, abrindo caminho entre as florestas; a borracha, a ser retirada das regiões equatoriais do Amazonas; o gado, a desbravar todo o imenso sertão desse país; tudo feito pela mão do homem, sem maiores auxílios de máquinas e de capital. Não há dúvida que são fatos épicos, que nos arrancam aplausos.

Mas, de outro lado, se se analisa isso tudo com espírito racional, de homem civilizado, sente-se um pouco de revolta ao ver todo o desperdício de homens e de recursos naturais que essas atividades acarretaram e ainda acarretam. O café, em sua corrida para o sertão, pouco deixa atrás de si, em matéria de agricultura, conforme se constata por certas regiões do Estado de São Paulo e do Rio; a Amazonia continua a ser um eterno cemitério de energias humanas e o Norte do país continua amarrado a atividades agrícolas, nem sempre produtivas.

Já é " chavão " dizer-se que não se pode fazer do Brasil uma grande nação, sem que se cuide da melhoria de nossa agricultura. Mas isso, ainda hoje constitui pura verdade. São milhões de pessoas vivendo diretamente dessa atividade; é com ela que se obtêm as cambiais com que se adquire a matéria prima para a indústria; e é dela, de seus alimentos baratos, que a indústria nacional depende para poder competir com os produtos importados.

No entanto, apesar dessa importância, fica-se pasmo, quando se analisa o sistema de produção no Brasil, do ponto de vista da racionalização e de justiça social. A produção agrícola é pequena; o rendimento do trabalho é baixo;

a distribuição de renda entre os que trabalham na agricultura é bastante desigual; e o bem estar social dessa população deixa muito a desejar.

É natural, pois, que se pergunte: o que deve ser feito para melhorar essa situação?

A resposta a essa questão fica naturalmente na dependência de uma análise de suas causas: porque a renda é pequena? Porque a distribuição dessa renda é tão desigual? Porque não existem melhores condições sociais?

Baseados em nossos conhecimentos pessoais, podemos apontar diversas características de nossa agricultura, como fatores determinantes dessa situação. Assim é que encontramos o uso inadequado das terras; a técnica agrícola deficiente; a pequena capacidade de trabalho do homem rural; os preços instáveis e pouco remuneradores dos produtos agrícolas; os preços elevados dos produtos adquiridos pelos agricultores; a falta de maior e melhor subdivisão das terras; a ausência de melhores formas de contratos de trabalho e de arrendamento de terras; e a falta de assistência social.

São essas, a nosso ver, as principais causas da atual situação da nossa agricultura, isto é, da renda pequena e mal distribuída e da falta de melhores condições de vida. Sabemos que nem todos concordam com a enumeração que fizemos. Nem todos reconhecem por exemplo, como uma dessas causas, a falta de melhor divisão das propriedades. No Estado de São Paulo podia-se dizer até há pouco que uma subdivisão maior de suas propriedades não resultaria em um aumento de produção. A agricultura nesse Estado é organizada em base de fazendas de tamanho médio, nas quais os "fazendeiros" chamam si, a função de empresários da exploração, arcando com os riscos a que está sujeito o capital empastado, e fiscalizando a execução de todos os trabalhos aí executados, segundo os seus conhecimentos técnicos e os seus conceitos de ordem e de disciplina. Do ponto de vista da produção e sem considerar a questão da distribuição da renda, podia-se considerar essa organização superior a das pequenas propriedades, porque o fazendeiro, quase sempre elemento mais esclare-

cido e instruído, impõe uma técnica e um sistema de trabalho superiores aos que seriam adotados por seus empregados, se estivessem trabalhando, cada um deles, por conta própria. Toda via, ocorrem agora duas modificações no cenário da agricultura paulista. Os centros urbanos crescem enormemente, exigindo para o seu abastecimento, produtos como verduras e frutas, que não podem ser explorados economicamente pelas grandes propriedades. E, ao mesmo tempo, os preços das terras sobem assustadoramente, alta essa motivada pela procura de terra por parte de elementos não agricultores, que desejam investir o seu capital, receiosos de maior desvalorização do dinheiro. Desse modo, surge a necessidade de se intensificar a subdivisão das propriedades, o que infelizmente não pode ser concretizado por que os agricultores verdadeiros não podem adquirir essas terras, cujos preços subiram a níveis que não condizem com a rentabilidade de sua exploração. Conclui-se pois, que mesmo em São Paulo, que é o Estado da Federação onde menos se faz perniciosa a propriedade de grandes glebas, já se pode apontar a falta de melhor subdivisão das propriedades como um dos fatores responsáveis pela insuficiência de sua produção agrícola. Se o Estado de São Paulo contasse com maior número de "sítios de uma família" isto é, de propriedades com áreas suficientes para absorver o trabalho de uma família de agricultores, teria assegurado o aumento de sua produção de legumes, verduras e frutas, de que os seus centros urbanos tanto necessitam.

Outro fator por nós apontado, cuja influência poderá ser contestada, é aquele que diz respeito ao uso inadequado das terras. Os que não aceitam tal características como um dos elementos determinantes das dificuldades de nossa agricultura, poderão dizer que, se as terras não são melhor usadas, é por falta de meios, ou então, porque não dão lucro, e não havendo lucro, não há razão para continuar a produzir. Ainda que de um ponto de vista individual encontre-se argumentos para essa atitude, é necessário considerar que ela admite muitos abusos. Sabe-se que é enorme o número de indivíduos que fazem a vida, trabalhando em terras improdutivas, inferiores em qualidade, a essas que ficam abandonadas por não se mostrarem lucrativas aos proprietários. Ora, tal situação representa não só uma diminuição de produção para o país, como, também, e principalmente, uma injustiça para os pequenos agricultores.

tores, que não podendo deixar de trabalhar têm que continuar a cultivar as piores terras, obtendo dessa forma um rendimento inferior ao que poderiam obter se tivessem acesso a melhores áreas.

Poderá também não ser aceita a indicação da falta de melhores contratos de trabalho e de melhores sistemas de arrendamento, como um dos fatores responsáveis pela atual situação da agricultura. Ninguém põe em dúvida que é um fator essencial para uma melhor distribuição de renda entre os que trabalham; o que poderá suscitar dúvidas é a sua influência sobre a produção. Em nosso modo de ver, essa influência é bem nítida pois consideramos os reflexos que um sistema de feito de arrendamento exerce sobre a produção, em um período longo de tempo. E, sob esse aspecto, é certo que as melhores relações humanas entre empregados e empregadores e uma melhor conservação do solo, que são os apanágios de um bom sistema de contrato de trabalho e de arrendamento de terras, resultam sempre em um aumento de produção.

Apontar as causas é a primeira parte da história. A segunda é dizer como resolve-las. E isso não é fácil. Do modo como expusemos o problema, a solução não depende somente da melhoria dos preços e de abundância de créditos, que é o modo pelo qual se costuma equacionar o problema da lavoura. É verdade que uma política de melhores preços e de crédito abundante é essencial e imprescindível, mas, se os demais fatores que citamos não forem providenciados, os benefícios serão recebidos apenas pelos atuais proprietários das terras, agricultores ou não agricultores, e, mesmo esses, benefícios deixarão de alcançar os níveis que poderiam atingir se fossem complementadas com as demais medidas. Sabe-se, porém, que as soluções para algumas das causas por nos citadas implicam em grandes dificuldades. Resolver o problema do uso adequado das terras, por exemplo, envolve pontos de direito constitucional, tais como o da propriedade das terras, cujos conceitos precisam ser modificados, pois não é possível forçar um melhor uso das terras sem que se condicione o direito da propriedade ao uso que lhe é dado. Do mesmo modo

surtem dificuldades quando se tratam de questões relativas a melhoria de contratos de trabalho e de arrendamento de terra. São dificuldades de todos os lados e por isso não vamos entrar nesse campo. Não vamos dizer o que deve ser feito. Aqui estamos emitindo apenas a nossa opinião pessoal. Enumeramos os fatores que nos parecem responsáveis pela atual situação da agricultura e cujos efeitos devem ser combatidos. É esse o nosso ponto de vista. Cabe porém, a Secretaria Técnica, através das investigações que irá realizar, determinar se estamos certos quando apontamos esses fatores; cabe também a essa Secretaria, a função de estudar a forma de eliminá-los, dentro de um plano de conjunto. Essas são as finalidades da Secretaria Técnica que, graças a objetividade do Senhor Ministro da Agricultura e a clarividência do Senhor Presidente da República, foi criada juntamente com a nossa Comissão. Com o resultado de suas investigações poderemos no próximo futuro discutir as medidas que se fazem necessárias a melhoria de nossa agricultura, não mais com base em nossos próprios pontos de vista, mas, sim, com base no conhecimento dos fatos que foram determinados pelas investigações dessa Secretaria Técnica.

Para finalizar, Senhor Ministro, desejamos aproveitar a ocasião para manifestar a Vossa Excelência o nosso regozijo pela criação dessa Comissão que irá estudar a reforma agrária e coordenar as diretrizes da nossa política agrícola. Estamos agora nos expressando mais como cidadão egípcio dos problemas rurais, mas estamos certos de que toda a Comissão, assim como a maioria dos homens de pensamento, do Brasil, aplaudem conosco essa iniciativa. A exemplo do que tem sido feito nos velhos países da Ásia, conforme divulgam os trabalhos recentes da F.A.O., devemos tomar a iniciativa e executar uma reforma agrária, orientada de cima para baixo, antes que ela se inicie impulsionada de baixo para cima.



CAPACIDADE DO REBANHO BOVINO BRASILEIRO E AS NOSSAS ESTATÍSTICAS

Da aplicação de diferentes métodos criatórios advém a capacidade de desfrute de um rebanho.

Via de regra, todas as fases da criação como sejam escolha das raças e dentro destas a dos reprodutores, controle de cobertura e nascimento, vacinação sistemática, alimentação suplementar na época seca e na engorda, etc, concorrem cada um com determinada parcela na consolidação de um rebanho especializado.

Para se aquilatar da real capacidade de um rebanho de corte, lança-se mão do desfrute máximo que ele permite, sem se alterar em numero e qualidade.

Estribados em números oficiais poderíamos, sem muito trabalho, medir a capacidade de nosso rebanho de corte. Seguindo o recenseamento do I.B.G.E. de 1940 e do S.E.P. de 1948 as populações bovinas do Brasil eram respectivamente de 34.392.419 e 50.089.446 cabeças. Com base nesses dados estimamos a população para os anos intermediários. No mesmo período, os abates anuais nos são fornecidos pelos estatísticos do S.E.P. De posse desses elementos, muito facil seria determinar o desfrute anual e o médio do período.

<u>População, Abate no Brasil</u>			
<u>Ano</u>	<u>População Bovina</u>	<u>Abate</u>	<u>Desfrute %</u>
1940	34.392.419	4.595.891	13,36
41	36.354.547	4.751.105	13,06
42	38.316.675	4.920.374	12,85
43	40.278.803	4.591.846	11,40
44	42.240.931	4.035.815	9,55
45	44.203.059	4.202.782	9,48
46	46.165.187	4.874.683	10,55
47	48.127.315	5.204.109	10,81
48	50.089.446	5.828.518	11,63
49	25.051.574	6.022.521	11,57

Valendo-se ainda dos mesmos elementos, poderíamos

chegar a conclusão de que, com o desfrute médio de 11,42%, a população aumentou de 51%, com um crescimento vegetativo médio anual de 5,7%, o que mostra claramente que o abate máximo que nosso rebanho suportaria, seria de 17,1% do seu total, pois com esse abate o nosso rebanho ainda se manteria estável em número.

A julgar por esses números oficiais, poder-se-ia chegar a uma conclusão verdadeiramente absurda; para fazer frente a situação atual da crise de carne, bastaria que se elevasse o abate até o ponto de tornar estável a população, ou seja, permitir um desfrute de 17,1%. Desse modo, poder-se-ia, por exemplo, abater no ano que ha pouco se findou, 9.571.866 cabeças que nos forneceriam 1.588.900 toneladas de carne⁽¹⁾. (Esse desfrute seria oriundo de uma população de 55.975.831 cabeças, que estimamos, segundo o mesmo raciocínio e louvados nos mesmos dados de que atrás nos servimos para estimar a população dos anos intermediários entre os censos oficiais).

Para nos convenceremos que esse volume de carne nos colocaria em privilegiada situação, basta confrontarmos com frontarmos com o ano de 1940:

Ano	População humana do Brasil	Prod. de carne	Kg per/capita/ano
1940	41.236.315	766.003	18,5
1951	52.645.750	1.588.900	30,0

Esses resultados mostram a precariedade dos dados oficiais porque por eles, não só a demanda poderia ser totalmente satisfeita com aquela quantidade "percapita", como também poderíamos até exportar apreciáveis quantidades.

Entretanto, os que conhecem a nossa pecuária de corte, não poderiam aceitar a possibilidade de se ter um aumento de produção desse teor. É fora de dúvida que todo aumento de produção, como o que ocorreu durante a guerra e o que vem ocorrendo ultimamente, se reflete imediatamente no aumento do preço do boi na fonte de produção, o que prova que não existe abundância de gado.

Apesar dos dados de que nos servimos não oferecerem

(1) baseado no rendimento de 116 Kg por cabeça.

segurança estatística, é fora de dúvida que o desfrute do rebanho brasileiro é pequeno. Pode não ser os 11,4% conforme determinamos. É certo porém, que é muito baixo, e os que conhecem de perto o nosso rebanho, sua composição, os métodos utilizados na sua criação não admitem um abate superior a 13% do total. Esse número mostra a sua insignificância quando comparado com o desfrute médio do rebanho americano, que no período de 1940/49 foi de 23,8% e ainda permitindo um crescimento vegetativo médio anual de 1,62%.

População Bovina e Abate nos Estados Unidos

<u>Ano</u>	<u>População Bovina</u>	<u>Abate</u>	<u>Desfrutes</u>
1940	68.309.000	14.958.000	21,89
41	71.755.000	16.419.000	22,88
42	76.025.000	18.033.000	23,72
43	81.204.000	17.845.000	21,97
44	85.354.000	19.844.000	23,25
45	85.573.000	21.691.000	25,34
46	82.434.000	19.824.000	24,00
47	81.207.000	22.393.000	27,50
48	78.126.000	19.186.000	24,50
49	78.298.000	18.789.000	23,90

A nosso ver é aí que se encontra a solução para o nosso problema da carne. É necessário aumentar a capacidade de desfrute do nosso rebanho. É preciso consolidar a nossa pecuária de corte, escolhendo raças mais precoces, adaptando condições, melhorando nossos métodos que são precários.

Só assim poderíamos aumentar a percentagem de abate. — Ainda que não se possa atingir o alto coeficiente de desfrute do rebanho americano — bastaria elevarmos de 30% a percentagem atual de desfrute do nosso rebanho para que se pudesse suprir normalmente o nosso mercado e até manter uma pequena exportação.

O MILHO NO BRASIL E O MERCADO MUNDIAL

Para melhor considerarmos a situação atual do milho em São Paulo, parece-nos oportuno fazermos um rápido esboço da situação internacional deste produto.

Vejamos portanto, a posição do milho no mercado mundial:

Posição Atual do Milho: Observemos inicialmente a produção mundial destes últimos anos. Tem ela sido a seguintes:

QUADRO I
PRODUÇÃO MUNDIAL DO MILHO

Área plantada		Produção	
Média anual do período	(1.000 Ha.)	Média anual do período	(1.000 t.)
1935/39	544.668	1935/39	120.650.000
Média anual do período		Média anual do período	
1940/44	538.416	1940/44	131.572.000
1948	528.556	1948	152.273.000
1949	535.550	1949	141.605.000
1950	526.878	1950	135.255.000
(^o) 1951	539.750	1951	141.077.000

Fonte: Foreign Crops and Markets. Number 16.- Vol. 62. USDA.
(^o) Agricultural Circular - USDA. October 29, 1951.

Verifica-se, assim, que a área plantada é hoje menor que no período de pré-guerra. Devido ao maior rendimento, a produção mundial apresenta um aumento de cerca de 12%, correspondendo aproximadamente ao aumento demográfico mundial. Disso se infere que não houve nenhuma melhoria no abastecimento mundial deste produto.

Aliás, a grande elevação dos preços do milho no mercado internacional, reflete em parte essa situação. Uma idéia dessa alta dos preços, pode ser obtida pelo seguinte cotejo: Em 1946, o preço médio por 60 quilos do milho argentino, foi de \$56,80 e o do norte americano \$ 85,10, enquanto que no ano passado, as últimas transações de que temos notícias foram feitas nas bases de \$ 122,00 e \$ 95,00 respectivamente.

Quanto à situação nos E.E.UU. e na Argentina, que são os dois maiores produtores e exportadores mundiais, podemos resumí-la pelos seguintes quadros:

QUADRO II
MILHO NOS ESTADOS UNIDOS
(1.000 T.)

Anos Comerciais	SUPRIMENTO		Impor- tação	Total	Expor- tação	Consumo	Total
	Carry- over	Produção					
Média 1937/41	11.903	65.445	25	77.373	1.278	62.036	63.314
1947	7.255	60.557	18	67.830	173	64.472	64.645
1948	3.185	93.524	18	196.727	2.822	72.941	75.763
1949	20.964	85.842	18	106.824	2.710	82.255	84.965
1950	21.858	79.532	25	101.415	2.794	79.939	82.733
1951	18.898	78.535	25	97.458			

QUADRO III
MILHO NA ARGENTINA
(1.000 T.)

ANOS	Produção	Ano Civil	Exportação
Média 1934/35 e		Média	
1938/39	8.064.036	1934/39	6.526.000 (a)
1944/45	2.965.500	1945	571.800
1945/46	3.574.190	1946	2.200.000
1946/47	5.814.695	1947	2.366.100
1947/48	5.200.000	1948	2.533.700
1948/49	3.450.000	1949	1.063.200
1949/50	836.400	1950	793.600
1950/51	2.997.000		

Fonte: Ministério de Assuntos Técnicos de la Nación.
a) F.A.O. Monthly Bulletin- Vol. III, n° 8

Facilmente verifica-se pelo exame desses quadros que, enquanto os Estados Unidos aumentam substancialmente a sua já enorme produção e duplicam a exportação, a pujança da Argentina, nesse setor, esboroa-se verticalmente.

Embora não tenhamos dados completos referentes a 1951, temos indicação de que o volume exportado pela Argentina foi nesse ano, aproximadamente igual ao do Brasil. Note-se que no período 1934/38 a vizinha Republica costumava exportar cerca de 200 vezes mais que o nosso país.

Quanto ao Brasil sua produção vem acusando aumento infimo, muito aquém do que se faz preciso. Nossas exportações continuam irregulares, variando de ano para ano. Em 1951 assinalamos verdadeiro "record" no volume exportado, tendo saído só por Santos 250.751 toneladas. Tal fato se deve principalmente ao

aumento de produção ocorrido no Paraná, uma vez, que a produção paulista tem permanecido mais ou menos estável.

O quadro a seguir dá-nos uma idéia da situação em nosso país e nos Estados de São Paulo e Paraná

QUADRO IV
MILHO NO BRASIL E NOS ESTADOS DE SÃO PAULO E PARANÁ
(1.000 toneladas)

ANOS	BRASIL		SÃO PAULO		PARANÁ
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção
1944	5.574.742	553	1.138.557	-	790.553
1945	4.846.557	188	1.103.270	-	619.478
1946	5.721.372	123.016	1.598.040	99.668	772.511
1947	5.502.548	166.046	1.177.787	23.684	727.319
1948	5.607.477	110.961	1.081.558	9.900	730.854
1949	5.448.879	21	1.025.322	-	598.457
1950	6.161.643	11.698	1.226.815	13.965(7)	905.811
1951			1.075.488		

Fontes: Brasil-Produção: IBGE- Exportação SEEP (MF).
S.Paulo-Produção: SPSC- da Secretaria da Agricultura. Exportação: SEEP(MF)
Paraná-Produção: IBGE.

Do que até aqui foi exposto, parece-nos conveniente destacar as seguintes constatações: 1) - A produção mundial de milho é hoje, sensivelmente a mesma que no período de pré-guerra; 2) - a Argentina, que era tradicional e destacadamente, o maior exportador mundial, reduziu em mais de 2/3 o volume das exportações de milho; 3) - a oferta no mercado internacional é hoje inferior a de antes da guerra, pois a retração nas exportações argentinas não foi compensada pelo acréscimo das exportações norte americanas e de outros países; 4) - embora seja deficiente nossa organização econômica e técnica, da exploração do milho, a elevação dos preços no mercado internacional confere ao Brasil boas possibilidades de exportação.

Perspectivas para 1952: No presente ano, as características do mercado internacional do milho serão, provavelmente, bastante semelhantes as que vigoraram em 1951. Com efeito, apesar do transcurso favorável da safra argentina, a área ali plantada é pequena e a falta que essa nação tem feito ao mercado mundial, continuará a ser sentida. A produção da Europa, importante zona importadora, apresenta sensível aumento (cerca de 40%) sobre a pequena safra passada. Não obstante esse aumento, o volume a ser produzido será ainda inferior ao do período de pré-guerra (1). Quanto a safra norte-americana, e (1) a produção anual média da Europa, no período 1935/39, foi de 17.704.000 toneladas. De 1950 a produção caiu para 12.573.000 e agora espera-se 17.526.000 toneladas.

ela levemente inferior à passada, sendo esta alteração, pouco importante.

Dêsse modo, é bastante provável que os preços internacionais mantenham-se em altos níveis no próximo ano. Assim as possibilidades de exportação do Brasil serão mais ou menos semelhantes as que vigoraram em 1951 desde que, o volume produzido não seja inferior as necessidades do consumo, pois, neste caso, o preço interno tenderia a ultrapassar o preço internacional.

A Presente Situação em São Paulo: Superiores em mais do dobro, a qualquer outro ano da sua história, as exportações do milho pelo porto de Santos em 1951 contribuíram enormemente para a firmeza dos preços do produto. Essa influência se fez sentir também no aumento da área plantada para este ano. A ascensão dos preços foi-se acentuando gradualmente, atingindo em dezembro níveis elevadíssimos. Alias, as cotações do milho nestes tres últimos anos, em São Paulo, foram os seguintes:

QUADRO V
COTAÇÃO DO MILHO NO ESTADO DE SÃO PAULO
(Cr. \$ por saca de 60 Kg)

MÊSES	1949		1950		1951	
	Preço médio recebido p/ lavradores	Cotação do milho amarelado em São Paulo	Preço médio recebido p/ lavradores	Cotação do milho amarelado em São Paulo	Preço médio recebido p/ lavradores	Cotação do milho amarelado em S. Paulo
Jan eiro	91,50	94,61	86,90	90,62	65,50	81,39
fevereiro	91,30	92,04	75,90	77,89	66,10	76,28
março	89,10	97,04	68,50	64,64	66,60	84,23
abril	83,00	96,61	62,40	63,94	68,00	87,88
maio	80,90	96,25	54,70	59,10	67,50	84,28
junho	76,70	90,95	50,60	58,37	67,90	91,09
julho	73,60	83,66	49,60	57,64	70,40	88,80
agosto	72,30	82,42	53,40	62,80	70,60	90,48
setembro	74,60	86,92	55,40	64,47	73,40	90,92
outubro	79,00	89,48	58,30	73,02	78,30	98,59
novembro	86,20	96,69	61,60	73,00	88,30	106,31
dezembro	89,80	97,91	62,10	71,13	102,10	126,75

Em consequência dos altos preços e de certa escassez do produto nos grandes centros consumidores, surgiu a questão da proibição das exportações. Com a interdição das vendas ao exterior, visa-se a defesa da bolsa do consumidor e também a manutenção de um estoque suficiente para atender ao consumo.

Não há dúvida que, em certas circunstâncias, impõe-se a adoção de restrições à exportação, principalmente quando o volume a ser exportado é pequeno e o preço internacional é muito mais elevado que o preço interno. Neste caso, o preço interno do produto nivela-se ao preço de exportação e assim, a pequena parcela vendida ao exterior provocará prejuízos aos consumidores, que terão de pagar maior preço pela quase totalidade do milho.

Porém, quando tais restrições à exportação se refletem no volume das futuras safras, desestimulando os produtores pela vigência de preços não remuneradores e afetando também desse modo o consumo interno, pela redução no volume produzido, torna-se evidente que toda e qualquer restrição à exportação deve ser abolida.

Acresce ainda que, no momento, existem outras razões que se opõem à proibição da exportação desse cereal, como sejam:

- a)- Estando o preço interno do produto acima do preço internacional, a proibição das exportações não iria afetar as novas vendas ao exterior, as quais já se acham impossibilitadas por aquela discrepância nos preços;
- b)- a quantidade de milho existente, sobretudo no norte do Paraná, parece ser bastante para atender ao consumo até a entrada da nova safra, embora a preços altos;
- c)- a simples proibição não seria garantia suficiente para a queda dos preços no mercado interno, uma vez que é preciso considerar a eventualidade de especulações;
- d)- muito provavelmente, esta medida iria afetar fran-

talmente os preços da nova safra, causando enormes prejuízos aos produtores, os quais, estimulados pelos preços, já semearam área muito maior que a do ano passado;

- e) - uma das características da produção do milho em nosso país é que a maior parte do volume produzido é realizada pelos pequenos proprietários, meeiros, arrendatários e trabalhadores rurais. O fato de sofrerem eles, com frequência, prejuízos enormes com a queda dos preços no período das colheitas, e estarem mais ou menos afeitos a isso, não justifica, evidentemente, o estabelecimento de uma medida oficial que tende a colocá-los novamente nessa dolorosa situação.

NECESSIDADE MÍNIMA DE FARELO DE TRIGO PARA A AVICULTURA PAULISTA

A atual safra de trigo da Argentina não permitirá a essa Nação suprir grande parte de nossas necessidades, como vinha fazendo com certa regularidade. Não podendo contar com essa fonte, terá o Brasil de recorrer a outros países produtores, em busca das quantidades necessárias para atender ao seu consumo. Entretanto, uma questão se levanta com essa alternativa. Poderão, ou estarão de acordo os países produtores, em fornecer ao Brasil o cereal em grão, como vinha fazendo a Argentina?

Essa dúvida levará por certo, inúmeras e cabíveis apreensões às atividades criatórias, que dependem do farelo e farelinho como base de suas rações. Algumas dessas atividades poderão substituir o farelo do trigo por outros alimentos, sem dificuldades maiores do que a de incorrer num acréscimo do custo do arragoamento, uma vez que o farelo é dentre os alimentos, o de menor preço.

Já no caso da avicultura, as dificuldades são maiores.

Nas épocas de carência movimentam-se os técnicos, procurando produtos similares ao farelo e farelinho de trigo e recomendam entre outros, o uso de trigo Addlay e o farelo de arroz. O primeiro podera substituir, integralmente, os sub-produtos do trigo; sua produção porem, é incapaz de atender prontamente a uma emergência e o seu preço é mais elevado. O segundo, apesar de ser encontrado em quantidades disponíveis suficientes, não possui qualidades para uma substituição total. Assim sendo, nas ocasiões em que ha falta de farelo e farelinho de trigo, diminui-se a 20% o seu emprego nas rações, quantidade essa considerada como minima pelos tecnicos avicultores.

Para satisfazer essa exigência minima da avicultura paulista qual a quantidade de trigo em grão, também minima, que se devera importar? Para que esta seja avaliada, necessitamos "a priori", estimar o rebanho avícola do Estado e para isso vamos nos basear nos seguintes dados conhecidos:

- 1 - produção de ovos de graja (para consumo);
- 2 - produção de pintos de um dia (distribuidos no ano passado).

Segundo as informações colhidas em fontes ligadas a sua exploração, e com a Associação Paulista de Avicultura, a quantidade de ovos de granja consumida em São Paulo é da ordem de 14.000.000 de duzias, anualmente. Produzimos ainda 5.420.000 duzias, que foram exportadas para o Distrito Federal. Admitindo-se uma produção media anual de 150 ovos, por cabeça, serão necessarias 1.553.600 poedeiras para alcançar aquelas quantidades. Para se obter essa produção, será necessario manter-se em numero equivalente, um terço do numero de poedeiras de frangas e pintos de diversas idade, a fim de que se possa fazer a substituição total das aves apos tres anos de exploração, época essa em que se considera que o seu aproveitamento deixa de ser economico. Portanto, para a produção de 19.420.000 duzias de ovos, sera preciso uma população de 2.071.500 cabeças.

Quanto à produção de pintos de um dia segundo as mesmas fontes, foram produzidos e distribuídos 3.800.000 cabeças durante o ano avícola 1950/51. Para essa produção necessitou-se pelo menos 5.066.000 ovos, considerando-se uma percentagem de 25% de ovos claros, defeituosos e gorados.

Para a produção desse número de ovos será preciso um rebanho reprodutor de pelo menos 49.520 aves, assim constituídos:

- a - 33.770 reprodutoras;
- b - 3.370 reprodutores;
- c - 12.380 terço para substituição.

Para estimação desse plantel, admitimos ainda a postura média anual de 150 ovos por cabeça e a renovação total do rebanho, em três anos, com uma substituição anual de um terço do total.

Da distribuição dos 3.800.000 pintos de um dia temos que:

- a - 10% são enviados para outros Estados;
- b - 20% dos restantes perecem nas primeiras semanas;
- c - 5% de perda por eliminação.

Tivemos então uma distribuição no ano passado de .. 2.565.000 cabeças. Desse total, entretanto, devemos deduzir o terço renovador já considerado na estimação dos rebanhos de poedeiras, e chegamos assim a um contingente de 2.095.000 pintos que se constituirão adultos durante o transcorrer do ano.

À primeira vista esse número causa alguma admiração, porque é superior ao número de aves estimadas como produtoras e reprodutoras. De fato não podemos admitir um incremento desse teor na avicultura organizada. O que existe é que desse montante, grande parte é vendido em feiras livres e mercados e

vão constituir criações de quintal. Não temos elementos para medir essas percentagens, acreditamos porém, que ela gire em torno de 15%. Portanto, dos 3.800.000 pintos distribuídos pelos avicultores, somente 1.780.750 cabeças irão ser exploradas racionalmente.

Assim sendo, podemos estimar para o ano em curso a população avícola do Estado como sendo a seguinte:

- a - 2.071.500 aves produtoras (ovos e carne);
- b - 49.520 aves reprodutoras;
- c - 1.780.750 pintos distribuídos.

O total de 3.901.770 cabeças deverá ser, salvo erro, a população dos aviários organizados do Estado de São Paulo.

Admitindo-se que serão necessários, em média, 100 g de ração por dia, para cada ave, precisaremos de 36,50 kg por ano e por cabeça ou sejam 142.415 toneladas para todo o rebanho.

Como já dissemos atrás, na composição de uma ração a percentagem mínima com que deve participar o farelinho de trigo deve ser de 20%. Dessa forma, a necessidade mínima da avicultura paulista gira em torno de 28.483 toneladas de subproduto da moagem do trigo. Essa quantidade todavia refere-se a uma situação de emergência, como a que ocorre atualmente. Sendo o rendimento médio de nossos moinhos de 78% de extração de farinha, teremos que moer 129.464 toneladas de trigo, para a obtenção das 28.483 toneladas de farelo.

Como se pode notar, não seria difícil atender à avicultura paulista nesse setor, porque essa quantidade mínima requerida por essa exploração, representaria apenas 25,1% do total de trigo importado do interior pelo porto de Santos no ano que há pouco findou.

Estes cálculos, conforme já dissemos, determinam as necessidades mínimas para que a avicultura subsista entre nós. O consumo normal de nossa avicultura é porém muito maior, considerando-se que as rações usuais de nossas granjas contêm cerca de 50% de farelo e farelinho.

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAWRADORES
MÊS DE DEZEMBRO DE 1951 (*)

POR SETORES	ARROZ		FEIJÃO MILO		CAFÉ		ALCOOL EM CAROÇO	AMENDOIM		MANIÇA	BATATA
	Em sacca Pes. 50Kg	Benef. 60 kg	Sac. de 60 Kg	Sacs 60Kg.	Em sacca Pes. 40Kg	Benef. 50Kg	Por saccha	Em sacca Pes. 25Kg	Por Quilo	Sac. de 60 Kg	
Aragatuba	129,80	209,10	157,30	90,20	304,70	1.045,30	-	65,30	4,20	88,80	
Araquara	133,10	213,00	184,90	95,80	290,00	1.006,30	-	65,40	4,20	118,80	
Avaré	140,60	230,50	179,60	93,70	292,50	1.054,10	-	65,00	3,77	107,30	
Bauré	125,10	194,90	183,30	90,20	294,30	1.003,50	-	55,10	3,50	74,30	
Bebedouro	134,60	214,80	185,20	96,50	291,60	1.042,70	-	63,50	3,97	110,10	
Campinas	140,00	212,80	192,80	113,70	298,90	1.003,20	-	60,00	-	79,50	
Itapetininga	130,70	223,50	173,70	111,20	-	-	-	-	-	119,70	
Jatú	143,90	243,90	217,50	116,30	295,70	1.008,60	-	90,00	4,20	110,00	
Marília	130,10	213,40	144,20	93,00	295,80	999,70	-	65,90	3,79	93,70	
Piracicaba	146,80	223,90	171,70	112,40	286,00	1.013,70	-	80,00	-	100,70	
Pirassununga	141,00	229,60	150,00	106,00	294,90	1.008,50	-	-	-	68,90	
Presidente Prudente	119,80	200,90	165,10	85,10	299,50	1.039,70	-	53,30	3,61	47,40	
Ribotirão	144,00	231,30	184,30	103,30	287,00	1.023,90	-	78,50	4,16	40,00	
So José R. Preto	140,60	221,60	186,80	92,00	300,20	1.031,70	-	78,90	3,75	112,10	
São Paulo	104,80	225,00	190,60	128,80	317,10	1.000,00	-	-	-	133,90	
Taubaté	142,20	230,50	227,30	136,10	-	-	-	-	-	127,30	
Preço médio ponderado do Estado (dezembro 1951)	136,40	219,90	179,90	102,10	296,10	1.023,10	-	59,60	3,80	92,30	
Idem nov. 51	121,80	198,80	153,90	88,30	299,20	1.041,50	-	57,90	3,94	83,10	
" out. 51	111,50	190,00	144,30	78,30	307,30	1.031,40	93,80	58,60	3,65	106,50	
" set. 51	106,40	186,50	135,30	73,40	306,60	1.026,40	90,20	56,20	3,30	122,20	
" ago. 51	99,40	169,50	135,50	70,60	298,10	1.030,10	77,50	52,20	3,09	163,10	
" jul. 51	100,60	172,70	145,70	70,40	289,40	1.009,10	79,60	52,20	3,66	195,00	
" jun. 51	100,20	175,60	162,00	67,90	294,00	1.037,30	106,20	52,50	4,10	209,60	
" maio 51	99,90	172,40	190,80	67,50	302,90	1.085,20	141,90	52,80	4,07	200,20	
" abr. 51	93,00	172,80	170,00	68,00	310,50	1.080,50	126,40	53,70	3,99	183,90	
" mar. 51	97,50	172,70	162,00	66,60	313,20	1.085,40	134,80	50,80	3,91	160,90	
" fev. 51	97,80	174,00	148,50	66,10	318,00	1.096,20	-	59,50	3,61	135,90	
" jan. 51	102,70	178,60	128,50	65,50	316,10	1.076,60	-	65,60	3,34	115,70	
" dez. 50	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,20	

(*) Dados de dezembro de 1951, sujeitos a revisão posterior.
Coletados pela Seção de Mercados e Preços.

SITUAÇÃO DA PECUÁRIA

Pastagens: Declinaram as condições dos pastos na Noroeste, devido à irregularidade das precipitações ali verificadas. Essa situação se verifica também em algumas regiões da Araraquarense. Entretanto, na alta Sorocabana e Vale do Paraíba as pastagens estão em muito bom estado de vegetação. De regular para bom estado das invernações nos outros setores.

Gado de Corte: Nas zonas de engorda, está-se verificando a entrada de bois magros vindos dos Estados de Goiás e Mato Grosso onde estão sendo negociados na base de Cr. \$1.300,00 a 1.400,00 a cabeça, nas fazendas. Em Minas Gerais esta se pagando até Cr. \$ 1.700,00 para novilhos bons.

Continua normal a saída de gado gordo, que está sendo negociado na base de Cr. \$ 2.300,00. Em Pereira Barreto houver oferta até Cr. \$ 2.500,00 por cabeça. Na região agrícola de Santo Anastácio os invernistas se queixam da falta de financiamento do Banco do Brasil e diversos negócios foram suspensos por esse impasse criado. Nas regiões de Sertãozinho, Ribeirão Preto e Patrocínio Paulista existe grande animação pela exploração. Nesta última, os bezerros para recria estão sendo vendidos por 700 e 800 cruzeiros. O estado do rebanho em geral, é bom.

O abate durante o mês de dezembro pop. nos principais frigoríficos (Anglo, Swift, Wilson, Armour e Cruzeiro) foi de: 51.320 cabeças, cifra essa, 54,7% maior do que o abate do mês de novembro de 1951. O abate desses estabelecimentos, durante o ano, foi de 837.758 cabeças.

Cotação:) Fornecida pelo Sind. da Ind. do Frio de São Paulo)
Frigorífico Armour S/A Frigorífico Wilson do Brasil S/A

(preços de compra até 15-1-52 posto frigorífico, p/ arroba)			
Bois de consumo	Cr. 135,00	Novilho gordo	Cr. 135,00
Vacas e torunos gordos	129,00	Vacas e torunos gordos	129,00
Carreiros gordos....	131,50	Carreiros gordos	129,00
Gado tipo conserva .	80,00	Gado tipo conserva.....	90,00
Vitelos gordos p/Kg	10,00	Vitelos gordos p/Kg ...	9,00

Apesar da cotação máxima dos frigoríficos ser de
 Cr. 135,00 por arroba, sabe-se de negócios realizados na base de
 Cr. 150,00.

Gado de Leite: A produção aumenta gradativamente com a melhoria das pastagens. Reina animação pela exploração, em virtude da alta dos preços. Sente-se uma tendência para a implantação de novas técnicas, como sejam produção de silagem e feno, seleção de reprodutores, etc. É bom o estado sanitário do rebanho.

Avicultura: Nota-se ainda o mesmo entusiasmo dos meses anteriores. São inúmeras as novas granjas que se instalam no interior. Na região de Jundiaí e adjacências, certas granjas estão adaptando suas instalações para a engorda de frangos. A granja Paraíso em Itatiba espera produzir neste ano 1.000.000 de frangos. Continua a carência de alimentos básicos.

Cotação: (Fornecida pela Associação Paulista de Avicultura)
Período de 21 a 31 de dezembro de 1951 (ovos de casca branca e vermelha) - (caixa de 30 dúzias).

Ovos de granja

Tipo especial	Cr.\$ 430,00	Tipo B	Cr.\$ 395,00
Tipo A	415,00	" C	350,00

Mercado com tendência de baixa.

Aves:

Preço médio do mês

Frango de raça (corte)	Cr.\$ 19,00	(quilo vivo)
Galinha de raça "	16,00	" "
Galinha Leghorn	15,00	" "

Mercado firme.

Suínocultura: Mantém o mesmo estado verificado no mês anterior. A peste suína continua a se alastrar. Davem os criadores combater esse mal por meio da vacinação sistemática a fim de evitar os prejuízos que vem sofrendo ultimamente. O abate dos frigoríficos no mês de dezembro foi de 16% inferior ao verificado no mês de novembro p.p. O abate total em 1951 foi de 236.852 cabeças (exceto o frigorífico Cruzeiro S/A).

Cotação: (Fornecida pelo Sind. da Ind. do Frio de São Paulo)
Frigorífico Armour S/A Frigorífico Wilson do Brasil S/A
(Preços de compra até 15/1/52, posto Frigorífico)

Suíno gordo, média de 80 kg	Cr.\$ 190,00	Suíno gordo, média de 80 kg	Cr.\$ 200,00
-----------------------------	--------------	-----------------------------	--------------

SITUAÇÃO DA LAVOURA

Não foi o mês de dezembro completamente favorável à agricultura. As precipitações não foram regulares, havendo chovido mais no início e no fim do mês; tiveram também má distribuição nos diversos municípios do Estado; Bebedouro e Monte Alto por exemplo, acusaram 376 mm, enquanto que os demais municípios receberam apenas 114; outros, não atingiram mais de 90 a 100 mm, como Andradina, Valparaizo, Ibitinga, Martinópolis, Rancharia, etc., havendo ainda casos de municípios que tiveram as suas lavouras sensivelmente mais prejudicadas. Fortes calores ao norte e quedas de temperatura ao sul contribuíram para a maior instabilidade do tempo, resultando inumeros casos esparsos de granizo e mangas d'agua prejudiciais as culturas.

A estiagem do meio do mês vem repetir pela terceira vez, o sucedido nos meses de outubro e novembro, sectionando em duas fazes o desenvolvimento das plantações de algodão e cereais. Os setores de S. José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Araçuaia e Piraçununga foram os mais atingidos pelo veranico de dezembro. Os menos atingidos foram os de Taubate, Jau, Avaré e Itapetininga. Estes, aliás, não só deixaram de sofrer o efeito dos fortes calores, como também sofreram queda incomum de temperatura; essa queda foi mais sensível em Jundiá e outros pontos do sul, o que retardou a vegetação, impedindo que as plantações se beneficiassem com as chuvas de janeiro.

Algodão: Ainda em dezembro prosseguiram as últimas sementeiras.

Em geral os algodoads apresentam bom estado de desenvolvimento. Tendo havido maior emprego de sementes, em consequência de maior uso da sementeira mecânica por alqueire, foram gastos em média mais de duas sacas de sementes, por alqueire, deixa assim de haver venda de sementes; é de se esperar porém maior rendimento e produção que os do ano passado, não só pelo excelente poder germinativo das sementes, como pela generalização das práticas de adubação e combate às pragas, e isso não obstante já se ter constatada a presença de todas as pragas comuns que não apresentam intensidade; fazem exceção os pulgões e bezourinhos que se mostram mais fortes este ano.

Café: O tempo decorreu favorável para o prosseguimento dos trabalhos culturais do cafeeiro, como limpas, podas, adubações; em certas regiões, já foi mesmo ultimada a terceira capina. A

prática de adubação orgânica generalisa-se cada vez mais. As replantas em jacazinhos e folheados foram em grande parte sug- pensas para serem reiniciadas em janeiro. No velho Itu, o meio milhão de cafeeiros novos indica o retorno dessa cultura a esse tradicional centro produtor. No setor de Araçatuba, é regular o estado dos cafezais; em Penapolis os frutos se apresentam com maturação adiantada. É bom o estado dessa lavoura no setor de Marília. O mesmo se dá no setor de Avare, principalmente nos municípios de Chavantes, Santa Cruz do Rio Pardo e Ourinhos. No setor de Baurú o estado geral é bom, principalmente em Pirajuí e Cafelandia. Fazem exceção os municípios de Lins e Baurú onde se nota certo desequilíbrio vegetativo, com regular queda de frutos, o que, alias, também acontece em outras regiões.

Nos demais setores, a situação não pode ser considerada boa. No setor de São José do Rio Preto, as condições são satisfatórias apenas em Catanduva e S. José do Rio Preto. No setor de Ribeirão Preto, São Joaquim, Sertãozinho, Ituverava e Orlandia ressentem acentuadamente dos efeitos da seca, havendo exceção para Franca.

Verifica-se ligeiro surto de broca em Santa Cruz do Rio Pardo, Ourinhos, Candido Mota, e também de bicho mineiro em regiões onde persiste a seca.

Espera-se entretanto rendimentos variáveis de 15 a 27 sacos em coco por mil pes.

Arroz: De modo geral a área plantada com arroz é inferior a do ano passado, mas não tanto como se supunha. Entretanto, como as condições desfavoráveis do tempo vieram prejudicar mais do que se esperava as plantações de sequeiro, esp- ra-se sensível diminuição da produção. As regiões mais prejudicadas foram as de Ituverava, São Joaquim, Franca, Barretos, Olímpia e Orlandia onde houvera uma redução de 50% na produção. Em outras regiões espera-se queda de rendimento. De um modo geral não se espera que essas quedas possam ser compensadas pelas melhorias das produções que ocorrem em Assis, Santo Anastacio, Dracena, Pompeia, Vale do Paraíba e outros. A lagarta e o cupim foram as pragas que mais prejuízos ocasionaram.

Trigo: Funcionou em Itapeva um moinho de trigo que beneficiou mais de cinco mil sacas da produção local, cuja colheita foi feita em sua maior parte (cerca de 70%) pela patrulha mecanizada do Ministério da Agricultura. A falta de tratores e máquinas dificilmente permitirá este ano o preparo de mais de 2.500 Ha. para o plantio de trigo, parece porém que se acha vencida a fase experimental da cultura.

Milho: Apesar de todas as atenções estarem voltadas para o café e algodão, desenvolveu-se maior área de plantio de milho. Entretanto, o aumento da área não trará o correspondente aumento de produção porque os milharais tardios não se apresentam muito desenvolvidos e os outros estão "enboneados" muito cedo. Prosseguem os tratos culturais em todas as fases, desde as primeiras capinas até a amontoa. Em geral, nas zonas onde o algodão, o arroz e o café vão mal, o milho também vai mal.

Cana: Praticamente terminada a safra, salvo em alguns casos esporádicos. A estiagem prejudicou em parte a brotação das soqueiras, porém facilitou os preparativos de terras para as próximas plantações de janeiro.

Mamona: Apesar de certa retração do mercado, prossegue o aumento paulatino da produção de mamona. Procede-se a poda das mamoneiras velhas e a algumas sementeiras, tendo o tempo corrido favorável às lavouras de Birigui, Monte Alto, Santo Anastácio, Assis, com exceção das de Bariri e Sertãozinho.

Amendoim: Diminuiu consideravelmente a área plantada com amendoim, cujos tratos culturais se reduziram a capinas e amontoas, pois se aproxima a frutificação e colheita. A não ser em Pompeia onde houve aumento de 35%, espera-se diminuição geral de área, mas o rendimento deverá ser melhor que o do ano passado. Em Santo Anastácio constatou-se o aparecimento de uma moléstia de vírus. Faltam notícias de Presidente Prudente.

Abacaxi: Intensifica-se a plantação de abacaxi em Mogi Mirim, Pedernheiras e Brodosqui. Está prestes a entrar a safra do Sul do Estado. Terão grande incremento as plantações em Morro Agudo.

Uva: Teve início a colheita de uva, que mostra bons rendimentos. Calcula-se que, em janeiro, o município de Jundiá produziu um milhão de caixas e seis mil toneladas de uva para

vinho. Colhe-se também em Socorro, São Roque, Bragança e outros centros vinícolas.

Melancia: Excedeu a expectativa, a colheita de melancias, cujo volume não pode ser ainda conhecido, acreditando-se que, com o desenvolvimento das rodovias e melhoria dos preços, a cultura adquira maior estabilidade no Estado.

Batatinha das águas: Não se pode ainda avaliar qual será a diminuição da área cultivada com batatinha, pois, ainda se processam plantios em alguns pontos enquanto em outros teve início a colheita. A área cultivada aumentou seis vezes em Pompeia mas é possível que venha a declinar muito mais em Santo Anastácio, Presidente Prudente e outros pontos.

Cebola: Terminou a colheita de cebolas em Capivari e Sorocaba, com os mesmos preços baixos que vigoraram para as safras de outros municípios produtores. Os produtores mais avisados e menos necessitados procuram "arrestiar" os melhores bulbos para vender em ocasião mais propícia.

Mandioca: O decreto que restituiu a mistura de farinha de rapa e de trigo, talvez venha trazer novo ânimo aos antigos centros produtores, tais como Araras, Pindamonhangaba e Região de Sorocaba, onde as antigas instalações da S. A. I. R. A. foram adquiridas pela Cooperativa dos Plantadores de Mandioca.

Alfafa: Reina desânimo entre os plantadores de alfafa, em consequência dos baixos preços, mas mesmo assim espera-se que Santa Cruz do Rio Pardo e Chavantes produzam mais de 6.700 toneladas de alfafa.

Menta: Reina grande expectativa em torno dos preços, tendo sido efetuado o primeiro corte. Faltam dados de Presidente Prudente.

Chá: Há desânimo entre os produtores de chá de Registro, em virtude do pequeno consumo de chá entre nós. Há certo interesse pela mudança da cultura para o café. Isto constituiria rude golpe para a diversificação de culturas.

MERCADOS E PREÇOS

Café: O mercado em Santos esteve calmo na primeira semana de dezembro. A partir daí o termo, e as entregas diretas acusaram altas, demorando-se o disponível a acompanhá-los na elevação dos preços. No dia 15, o café nas entregas diretas para julho/dezembro de 1952 atingiu Cr. \$ 202,50 por 20 quilos ultrapassando assim e pela primeira vez desde o seu estabelecimento o preço teto que é aproximadamente de Cr. \$ 201,20.

A alta dos preços e a firmeza que o mercado vem apresentando deve-se a maior procura por parte dos importadores, diante da pequena estimativa para a safra futura. Além da boa posição estatística do produto, o maior interesse demonstrado pelos compradores para operar na praça de Santos veio contribuir também na elevação dos preços. Com efeito, a suspensão do registro de vendas pelo porto do Rio de Janeiro para embarque em fevereiro fez com que os importadores se voltassem novamente para Santos.

O motivo dessa suspensão reside no fato de terem os portos do Rio e Vitória ultrapassado novamente a quota conjunta de exportação. Em novembro tinha sido assinalado um excesso de cerca de 25.000 sacas. Agora em dezembro, a situação agravou-se pois ao envez de 3.290.000 sacas que a quota já acrescida com os adicionais permitia, foram exportadas realmente até 31 de Dezembro 3.407.725 sacas desta safra ou seja um excesso de 137.725 sacas. A rigor, a exportação do Rio e Vitória durante o mês de Janeiro, deverá ser apenas de 357.948 sacas e a de Paranaguá deverá ser normal pois, além da sua quota mensal de 230.000 sacas, possui ainda um saldo a aproximado de 74.000 sacas.

No mesmo período, os cafés exportados por Santos não chegaram a preencher 75% da quota a ele destinada pois embarcou-se 3.776.926 sacas quando poderiam ter sido embarcadas 5.119.998 sacas.

Desse modo, Santos, que costuma exportar mais de 65% do café brasileiro, ainda não atingiu nesta safra a percentagem de 43%.

Quanto às exportações durante o ano de 1951 e de acordo com cifras ainda não definitivas, o Brasil enviou para o exterior 16.358.000 sacas ou sejam 1.523.100 sacas a mais que em 1950. Em valor, as exportações de 1952 representam cerca de Cr.\$ 19.450.000.000,00 tendo alcançado em 1950 Cr.\$ 15.907.584.000,00.

Algodão: Na Bolsa de Mercadorias, as cotações de algodão durante o mês de dezembro mostraram tendências de queda.

O tipo 5 nos disponível acusou uma baixa de Cr.\$ 31,00 por 15 quilos entre o início e o fim do mês. O termo acompanhou de perto o disponível, tendo o mês de março, que foi particularmente ativo, mostrado uma queda de Cr.\$ 36,00 por arroba.

Essa pequena baixa se deve provavelmente, à liquidação das posições dos operadores no último mês do ano e a outras causas de menor importância. Na verdade, a posição estatística do produto vai se tornando cada vez melhor, a medida que as estimativas sobre a safra americana vai se reduzindo. A estimativa publicada em 10 de dezembro pelo Departamento da Agricultura norte americana previa 15.290.000 fardos contra ... 15.772.000 na anterior e mais de 17 milhões na primeira das estimativas. Essa redução de quase dois milhões de fardos na safra americana afeta sensivelmente a posição estatística do produto. A situação mundial pode agora ser resumida da forma seguinte:

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA MUNDIAL DE ALGODÃO
(Milhões de fardos de 217 quilos)

Safras começando em 1/agos.	Carry-over no começo da safra	Produção	Suprimento Total	Consumo	Carry-over no fim da safra	Comércio Internacional (exportações)
1949/50	14,8	31,3	46,1	29,3	16,6	12,6
1950/51	16,6	27,54	44,14	32,8	11,0	12,0
1951/52	11,0	33,69	44,69			

* Fonte: Foreign Agricultural Circular. USD5.

F.o.C. 5/51; 4/51 e 3/51.

Ver também o número desta revista, página n° 12.

/5

Vê-se por aí, que o suprimento total estimado em 31 de julho deste ano é sensivelmente igual ao que existia na mesma data do ano passado. Ainda que o consumo na estação 51/52 seja avaliado em volume um pouco inferior aos 32,8 milhões de fardos consumidos em 50/51 e fora de dúvida que o carry-over em 31 de julho de 1952, será inferior ao considerado normal.

Dessa forma, existem condições para que os preços do algodão no mercado internacional mantenham uma posição de firmeza.

Quanto à posição do algodão paulista, podemos tentar resumí-la pelo seguinte quadro:

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA DO ALGODÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

(em toneladas)

<u>Safras começando em 1/março:</u>	<u>1949/50</u>	<u>1950/51</u>	<u>1951/52</u>
Estoques em 1 de março	42.047	59.636	34.692
Produção	221.661	65.149	230.517 (4)
Importação	25.133	26.136	17.582 (5)
Total	288.841	251.021	282.791
<u>Distribuição:</u>			
Exportação (1)	140.815	126.702	118.348 (2)
Consumo	83.639	85.650	90.000 (3)
<u>Estoques presumíveis :</u>			
28/2 (6)	64.317	38.669	74.443
28/2	59.636	34.692.	

- (1) Exterior e Cabotagem.
- (2) Exportação p/ e Exterior de 1/3/51 a 30/11/51 e Exportação de cabotagem de 1/3/51 a 30/9/51.
- (3) Estimativa.
- (4) Classificação na Bolsa de Mercadorias até 31/12/51.
- (5) Importação por cabotagem de 1/3/51 a 31/12/51.
- (6) A diferença entre os estoques presumíveis e o levantado, de ver ser atribuída em grande parte, ao comércio por via terrestre.

Dessas 74.000 toneladas presumíveis, se deduzirmos 35.000 toneladas para conservar o mesmo carry-over do ano passado e abstrairmos-nos das possíveis importações do algodão do Norte, conclue-se que restariam 39.000 toneladas disponíveis para a exportação de dezembro a março.

Arroz: O fato importante que vem ocorrendo com este produto é a dificuldade de abastecimento da capital paulista. Como a imprensa tem divulgado, o problema assumiu aspectos sérios obrigando as autoridades a tomar uma série de medidas, inclusive a de recorrer ao arroz que o Governo possuía em Goiás e Sul de Minas.

Õ desaparecimento do arroz em São Paulo ocasionou uma alta geral nos preços do produto no interior do Estado. O preço médio recebido pelos lavradores foi em dezembro de Cr.\$ 136,40 para o arroz em casca ou seja Cr.\$ 14,60 a mais que em novembro p.p. Quanto ao arroz beneficiado, o preço no interior do Estado foi de Cr.\$ 219,00 em dezembro e Cr.\$ 198,80 no mês anterior.

Embora não possamos ainda precisar o vulto da redução da safra paulista de 51/52 sabemos que a área plantada é inferior a do ano passado. Admitindo-se o mesmo rendimento obtido no ano anterior, verifica-se que a nova safra será insuficiente para atender as necessidades do consumo estadual. Como porém São Paulo é o natural escoador das produções do Triângulo Mineiro e Goiás, tal redução de área poderá não ter influencia nos preços desse produto; existem estoques suficientes para atender ao consumo interno. O tabelamento dos preços de varejo em São Paulo e as perspectivas de pequenas safras, parecem ser os fatores que levarão os intermediários a não se interessar em colocar os seus estoques no mercado.

Por conseguinte, o suprimento de arroz deverá estar assegurado desde que sejam solucionadas certas dificuldades de ordem técnica, mormente as que se referem ao transporte.

Milho: Em São Paulo a cotação média durante o mês foi de Cr.\$ 119,60 para o milho amarelão e Cr.\$ 135,75 para o amarelinho. Estes preços são superiores aos preços vigentes no mercado internacional. Os embarques de milho para o exterior se referem portanto a negócios fechados há certo tempo. Em dezembro, saíram por Santos com destino ao estrangeiro, 19.756 toneladas desse produto. Nas exportações realizadas por Santos em 1951, o milho, com as suas 250 mil toneladas, ocupou o segundo lugar no que diz respeito a toneladas embarcadas.

A área plantada para a safra 51/52 é maior que a do ano passado, mas não temos ainda nenhuma informação sobre a

safrá do norte do Paraná, cuja maior parte converge para São Paulo. É razoável admitir-se, entretanto, que a safra paranaense seja pelo menos igual a do ano passado, uma vez que essa cultura se encontra em expansão, nessa zona. Neste caso, é fora de dúvida que ainda poderemos exportar milho em 1952; para isso, entretanto, seria necessário que se processasse um reajuste entre o preço do produto no mercado interno e internacional.

Banana: As exportações pelo porto de Santos durante o ano de 1951 totalizaram 9.448.636. É esta a maior exportação dos últimos 10 anos, mas inferior ainda em cerca de 22% a exportação de 1939. O volume exportado para a Argentina representou aproximadamente 70% do total enviado ao exterior. Após esse país, seguem-se pela ordem, a Inglaterra, Uruguai e Suécia, como nossos principais compradores.

O grande aumento acusado em nossas exportações de banana em 1951 deve-se principalmente aos acordos realizados entre o nosso país e a Argentina, Inglaterra e Suécia. O acordo firmado com a República Platina entrou em vigor em julho de 1951 e deverá vigorar para todo o ano de 1952. Dentro desse acordo já exportamos 3.360.275 cachos e temos ainda um saldo de 7.639.725 cachos (totalizando os 11 milhões previstos no tratado) que poderemos exportar em 1952. Esse volume já assegura um mercado bastante amplo para a banana, neste ano. O preço de Cr. \$ 38,00, por cacho, garantido pelo acordo, é superior ao preço médio alcançado pela banana enviada a Europa, o que foi aproximadamente de Cr. \$ 32,00. Esperamos que a situação da balança de pagamentos entre o Brasil e a Argentina não crie obstáculo ao integral cumprimento desse acordo. As exportações para a Inglaterra e Suécia também foram favorecidas pela inclusão da banana nos tratados comerciais efetuados entre o Brasil e aquelas nações, os quais já cessaram.

Mamona: Apesar do ligeiro declínio do preço médio recebido pelos lavradores em dezembro (Cr. \$ 3,90 por quilo neste mês e Cr. \$ 3,94 em novembro p.p.) o mercado continua firme. As exportações por Santos atingiram no último mês do ano, 815.055 quilos, volume este inferior apenas aos meses de março e novembro, quando saíram respectivamente 1.181.503 e 842.178 quilos.

ESTUDO DE UMA PROPRIEDADE DE ENGORDA DE GADO BOVINO, NA REGIÃO DE SÃO PEDRO

Descreveremos neste número uma propriedade cuja atividade é a engorda de gado bovino trazido de Mato Grosso. As instalações da fazenda são estritamente necessárias a exploração, isto é, possui uma sede, mangueira para 3.000 cabeças, piquete para quinze animais de custeio, duas casas para camaras e um rancho para peões.

A fazenda está situada na zona de São Pedro e possui 1.500 alqueires de invernadas divididas em três áreas, formadas de capim colônião, jaraguá e gordura, sendo este último o predominante. A limpeza dos mesmos pelo sistema de roçada pago por empreitada se restringe a pequenas áreas. Em períodos de 3 anos nos meses de julho ou agosto as invernadas de gordura são queimadas a fim de despraguejar e produzir a brotação. O colônião é queimado anualmente. O processo de engorda seguido é o comum da região; recolhe o gado magro nos meses de novembro e dezembro e prolonga a invernação até o mês de outubro seguinte. Nenhuma ração suplementar é oferecida, a não ser o sal grosso, na proporção de 1 kg por mês. Os únicos cuidados veterinários dispensados são a vacinação contra aftosa, o tratamento da frieira e de bicheiras, e, quando possível, injeção contra picadas de cobras.

Com esse processo de engorda seguido, as invernadas comportam 2.200 cabeças, as quais, pelas suas qualidades de era e apartação, podem ganhar cinco arrobas com 10 a 11 meses de pasto.

As despesas anuais da propriedade com a exploração de 2.200 reses são as seguintes:

1 Capataz	Cr. \$ 24.000,00	
1 Peão	12.000,00	
Sal	47.520,00	
Ingredientes, vacinas e séros	12.300,00	
Limpeza e conservação de pastos ...	16.000,00	
Concertos e reparos de cêres	3.600,00	
Concertos e reparos de bebedouros e coxos ..	4.000,00	
Animais de custeio e arreios	3.600,00	
Perdas por acidentes e doenças	57.464,00	(1)
Juros de 6% s/o valor dos pastos e benfeitorias	270.000,00	
		Cr. \$450.484,00

(1) Tomado na base de 2% sobre o valor do gado.

Vemos, portanto, que nessa propriedade, a engorda propriamente dita, custa Cr. \$ 41,00 por arroba, uma vez que as 2.200 cabeças ganham um total de 11.000 arrobas no período de um ano. (Nesse custo não estão computados os juros sobre o valor da boiada e nem o ordenado da gerência).

Como porém a exploração da fazenda consiste na engorda de bois trazidos de Mato Grosso, ela incorre em outras despesas quais sejam:

Transporte ferroviário do gado	Cr. \$ 301.400,00 (1)
Perdas de 6 cabeças	7.422,00 (2)
Despesas de desembarque e transporte para a fazenda	1.800,00 (3)
	<hr/>
	Cr. \$ 310.622,00

Essa importância onera o valor de cada boi, em.
Cr. \$ 141,20.

Finalmente, temos os juros de 12% ao ano sobre o valor da boiada (4) o qual importa em Cr. \$ 349.642,00 e o ordenado da gerência de Cr. \$ 60.000,00 por ano. Essas cifras, dis tribuídas pela boiada toda, sobrecarregam em Cr. \$ 146,50 e 27,30 o preço para cada boi, respectivamente.

Sabendo-se agora, que o preço de compra do gado magro em Mato Grosso foi de Cr. \$ 1.100,00 por cabeça, podemos calcular como segue o custo do boi gordo:

Preço de boi magro em Mato Grosso ...	Cr. \$ 1.100,00
Despesas para colocá-lo na internada..	141,20
Custo de engorda (5 arrobas)	205,00
Juros sobre o capital investido no boi	146,50
Ordenado de gerência, per boi	27,30
	<hr/>
	Cr. \$ 1.620,00

Ao vender essa boiada, entretanto, o internista terá que incorrer ainda nas seguintes despesas por cabeça:

- (1) Cr. \$ 137,00 por cabeça. (2) ao preço de Cr. \$ 1.237,00
(3) 15 peões a Cr. \$ 40,00 durante 3 dias. (4) juros de 12% calculado sobre 1.221,00, si-

fra esta que foi calculada a partir do preço do boi magro posto na internada adicio nada de 50% das despesas de susteio e subtrai de dos juros sobre a internada que já entrou no custo da engorda (1.100,00 mais 141,20 mais 102,50 menos 122,70).

(5) em janeiro de 1952.

Transporte para o ponto de embarque, Cr. \$	0,80 (1)
Imposto de vendas e consignações....	
(3% sobre 1.950,00)	58,50
	<hr/>
Cr. \$	59,30

O preço atual do mercado é de Cr. \$ 130,00 por arroba, de modo que vendendo seu gado neste mês, seu lucro líquido total será de Cr. \$ 595.500,00, ou sejam 18,70% sobre o capital investido no gado e no custeio (3.181.640,00).

Embora esse lucro seja compensador para a remuneração de seu capital, o invernista acha que não é negócio vender sua boiada agora e sim segurá-la até setembro porque:

- 1 - o gado magro em Mato Grosso está cotado a preços tão altos em relação aos pagos pelos frigoríficos pelo boi gordo, que não há margem para negócios;
- 2 - é possível um aumento no preço da carne nos próximos meses, em virtude do elevado preço do gado magro e menor quantidade de gado gordo no mercado, nos meses de seca;
- 3 - ficando no pasto até setembro, seu gado ganhara mais peso.

De outro lado, levando a engorda de seu rebanho até setembro, o invernista, praticamente, venderá apenas uma boiada em 24 meses em vez de duas, como poderia fazer normalmente, nesse prazo. Desse modo, para ajuizar sobre o acerto econômico da orientação do invernista deveremos calcular os lucros que poderão ser obtidos respectivamente com a venda de uma única boiada (que é esta que já se encontra gorda nas invernadas e que permaneceria até setembro) e com a venda de duas, sendo uma agora em janeiro (2) (já gorda) e outra em fevereiro de 1953 (esta seria trazida de Mato Grosso em fevereiro próximo e engordada até fevereiro de 1953).

Para determinarmos esses lucros, torna-se necessário conhecermos :

-
- (1) Essa importância é idêntica ao (3) da página anterior.
 - (2) A rigor , os cálculos deveriam ser feitos a partir de novembro, que é a época de recolher o gado magro na invernada. Contudo, os cálculos são feitos com base no mês de janeiro, considerando o caso particular deste invernista que por incerteza sobre os preços do mercado atrazou a venda de seu gado.

- 1 - preço de venda em setembro;
- 2 - peso que será ganho pela boiada, de janeiro a setembro;
- 3 - despesas para invernar o gado até setembro;
- 4 - preço atual pago pelos bois e despesas de engorda de uma boiada a ser trazida em fevereiro próximo e invernada até fevereiro de 1953.

O que se pode calcular em relação a esses itens é o seguinte:

- 1 - de acordo com as previsões do invernista, os preços para o boi gordo deverão atingir Cr. \$ 160,00 por arroba em agosto e setembro;
- 2 - com referência ao peso, calcula o invernista que seu gado deverá ganhar em média duas arrobas por cabeça, nesse período de oito meses, alcançando assim um peso médio de 17 arrobas em setembro;
- 3 - as despesas incorridas para invernar o gado de janeiro a setembro, são as seguintes:

Despesas de engorda	Cr. \$ 300.323,00 (1)
Juros de 12% sobre o valor do gado.....	343.200,00 (2)
Gerência	<u>40.000,00</u>
	Cr. \$ 683.523,00

- 4 - o preço do boi magro em Mato Grosso é atualmente Cr. \$ 1.550,00, as despesas para colocá-lo na invernada e as de engorda são as seguintes:

Despesa para colocá-lo na invernada Cr. \$	141,20(3)
Custo de engorda(5 arrobas)	205,00(3)
Juros sobre capital invertido no boi	200,50(4)
Ordenado de gerência, por boi	27,30(3)

(1) Essa cifra corresponde a 8/12 das despesas especificadas na página 1 porque a produção da engorda dura só 8 meses.

(2) Juros de 1% ao mês, durante 8 meses sobre Cr. \$ 1.950,00 que é o valor da venda de boi neste mês.

(3) Admitindo-se que essas despesas sejam idênticas às incorridas com a boiada atualmente na invernada.

(4) Juros de 12% calculados sobre Cr. \$ 1.651,70. Este número resulta do preço do boi magro posto na invernada, adicionado de 50% das despesas de custeio e subtraído de juros sobre a invernada (Cr. \$ 1.550,00 mais 141,20 mais 102,50 menos 122,70) igual a Cr. \$ 1.671,00.

Com esses números pode-se calcular que o custo de um boi gordo em fevereiro de 1953 será de Cr.\$ 2.124,00 (~~1.000~~ 1.550,00 + 574,00).

E desse modo pode-se confrontar os resultados financeiros que serão obtidos com as duas modalidades de exploração, isto é, com:

- a) - venda de uma boiada em setembro (esta que já está gorda na invernada);
- b) - venda de duas boiadas; uma (já gorda) em janeiro corrente e outra em fevereiro de 1953 (esta entraria na invernada no próximo mes). Os resultados financeiros alcançados em ambos os casos estão expostos abaixo:

Venda da boiada em setembro de 1952 :

Receita = (preço de venda de um boi x número de bois)

$$(1) \text{ Cr.}\$ 2.720,00 \times 2.200 = \text{Cr.}\$ 5.984.000,00$$

Lucro líquido - receita = (custo da boiada gorda mais despesas de venda)

$$(2) 5.984.000,00 - (4.247.523,00 \text{ mais } 180.320) = 1.556.157,00$$

Venda de duas boiadas, sendo:

- a) uma em janeiro de 1952:

Receita = Cr.\$ 1.250,00 x 2.200 = Cr.\$ 4.290.000,00

Lucro Líquido = Cr.\$ 4.290,00 = (3.564.000,00 mais 130.500,00) -

Cr.\$ 595.500,00

- b) outra em fevereiro de 1953:

(3) Receita = 2.400,00 x 2.200 = Cr.\$ 5.280.000,00

Lucro líquido = 5.280.000,00 = (4.672.800,00 mais 160.200,00) -

Cr.\$ 447.000,00

Lucro líquido total = 595.500,00 mais 447.000,00 = Cr.\$ 1.042.500,00

Ve-se que o lucro líquido obtido na venda de uma única boiada em setembro é Cr.\$ 513.657,00, maior do que o lucro líquido total alcançado pela venda de duas.

Conclue-se, portanto, que ocorrendo o aumento de preço e de peso da boiada, de acordo com as estimativas do invernista, torna-se mais econômico segurá-la para vendê-la em setembro, embora ela já esteja pronta para o corte.

(1) = 2,720,00 = 17 arrobas x 160,00

(2) = custo boiada - igual custo em janeiro mais despesas de engorda até setembro
despesas de venda igual Cr.\$ 1.800 (transporte) mais 3% sobre Cr.\$ 5.984.000,00

(3) = Cr.\$ 2.400,00 igual 15 arrobas x Cr.\$ 160,00.

(4) = Cr.\$ 4.672.800,00 igual a Cr.\$ 2.124,00 x 2.200 bois.

EXPORTAÇÃO PARA O EXTRANGEIRO PELO PORTO DE SANTOS, em 1951

(toneladas)

PRODUTOS	Jan./agos.	setembro	outubro	novembro	dezembro
1 - Café (sacas 60 Kg)	4.760.916	582.870	761.530	720.909	636.526
2 - Algodão em rama	99.600	10.479	8.066	3.728	-
Algodão "líntera"	11.766	2.221	2.073	2.140	-
Resíduos de algodão	1.647	26	73	114	-
Piolho de algodão	182	51	-	20	-
3 - Milho	158.710	30.257	19.768	22.260	19.756
Arroz	13.535	1.973	502	-	4.402
Fragmentos de arroz	35.446	1.182	5.508	2.010	609
Amendoim c/casca	299	95	13	-	-
Amendoim descascado	2.485	300	15	-	-
Mamona	4.881	-	133	842	815
Chá	302	18	-	-	-
Fecula de mandioca	3.975	714	337	81	233
Óleo de limão	3	-	-	-	-
Herba mate	1.135	240	90	90	154
Laranja (caixas)	172.275	3.000	7.000	-	-
Banana (cachos)	6.578.567	716.721	667.927	833.512	642.791
4 - Banana Flakes	92	-	43	-	-
Bambú	30	5	-	-	-
Caféina	26	5	2	-	-
Cacau	2	-	-	-	-
Carne em conserva	46	-	115	-	-
Carne salgada	-	-	-	-	-
Cola de ossos	35	-	-	-	-
Cera de carnaúba	1	-	-	-	-
Cera de abelhas	51	-	-	-	-
Couros cortados	66	-	-	-	-
Couros de porco curtidos	8	0	-	-	-
Couros-raspa	21	-	-	-	-
Couros salgados	15.780	825	2.867	-	-
Couros secos	358	-	-	-	-
Crina animal	93	6	6	-	-
Farinha de chifres (e ossos)	698	-	19	-	-
Farinha de sangue	388	-	-	-	-
Farole de amendoim	14.353	1.001	-	-	-
Farole de babaçu	-	-	-	-	-
Farole de gergelim	-	-	-	-	-
Fios de algodão	1.660	434	456	-	-
Fumo em folhas	7	-	1	-	-
Glandulas congeladas	53	11	12	-	-
Madeiras	51	362	1	-	-
Manteiga de cacau	85	-	-	-	-
Mentol	261	4	10	-	-
Óleo de amendoim	1.204	901	-	-	-
Óleo de eucalipto	40	2	2	-	-
Óleo de hortela	44	4	0	-	-
Óleo de mamona	8.278	608	244	-	-
Óleo de sassafraz	58	1	3	-	-
Óleo de tungue	116	-	-	-	-
Ossos	662	60	159	-	-
Pele silvestres	135	9	16	-	-
Resíduos de fiação	224	-	-	-	-
Resíduos de raion	193	169	-	-	-
Sangue seco	1.549	199	81	-	-
Tecidos de algodão	407	69	35	-	-
Torta de amendoim	10.776	-	-	-	-

IMPORTAÇÃO DO EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, em 1951

(toneladas)

PRODUTOS	nov.	dez.	ja/dez.	PRODUTOS	nov.	dez.	jan/dez.
ADUBOS				GENEROS ALIMENTICIOS			
Cloreto de potássio	4.806	754	32.800	Bamaseco	3	13	32
Fosfato	4.033	-	56.632	Ervilha	-	39	716
Salitre do Chile	2.130	10.163	37.265	Extrato tomate	-	-	2.038
Sulfato de amônio	1.051	500	14.895	Figo seco	225	530	978
Sulfato de potássio	151	101	1.259	Fruta enlatada	-	-	131
Superfosfato	11.576	1.740	81.080	Grão de bico	55	143	693
Hiperfosfato	-	6.250	14.950	Leite em pó	380	358	1.803
Adub. quimicos n.e.o.	365	2.413	7.329	Leantilha	-	75	135
ARAMES E GRAMPOS				MAÇÃ			
Arame farpado	1.230	1.097	22.727	Maçã fresca	2.764	813	30.989
Grampos p/cerca	42	36	782	Nox em casca	233	158	958
BEBIDAS				PEIXE			
Agua ardente	0	34	85	Peixe	26	20	198
Champanha	36	1	254	Pera	902	86	9.284
Uisque	53	110	1.205	Perú congelado	21	-	69
Vinhos	1.012	1.221	9.697	Pêssego fresco	-	2	330
Bebidas n.e.o.	54	58	499	Pimenta em grão	3	25	321
FERRAMENTAS				QUAIJE			
Enxadas	31	8	72	Quaije	-	-	-
Foice	2	9	54	Tâmara	-	8	275
Machados	3	48	653	UVA FRESCA			
FIBRAS E FIOS				UVA PASSA			
Fibra cânhamo	-	-	346	Uva fresca	854	156	6.522
Fibra linho	-	-	273	Uva passa	407	266	1.117
Fios algodão	13	1	194	ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS			
Fios cânhamo	-	32	156	Azeite de oliva	325	483	4.989
Fios lã	213	102	2.384	Óleo de pinho	3	6	72
Fios linho	230	219	1.607	MADEIRAS			
Fios raion	105	148	489	Madeiras n.e.o.	-	-	112
Juta	1.675	1.735	10.580	MÁQUINAS			
Lã	176	348	1.775	Tratores e pertences	1.546	787	17.937
GENEROS ALIMENTICIOS				PRODUTOS DE HORTICULTURA E SEMENTES			
Alho	163	138	2.732	Alpiste	49	-	315
Ameixa fresca	-	45	1.587	Jarina	-	-	28
Ameixa seca	80	84	727	Lúpula	59	21	497
Amendoa	132	252	454	Palha de Guiné	-	50	136
Anchova	167	29	297	Semente de flores	-	7	13
Azeitona	536	2.014	9.955	Semente de hortaliças	0	3	43
Aveia	780	0	3.884	PRODUTOS QUIMICOS			
Aveia	204	162	388	B.D.F em pó	31	169	1.053
Bacalhau	1.907	36	13.227	Fungicidas	33	54	196
Batata (e semente)	3.449	6.338	19.218	Hexacloreto benzeno	590	256	2.698
Carula	-	-	50	Inseticidas	3.127	1.836	10.835
Castanha	239	930	1.169	Óleos essenciais	2	0	15
Cevada	927	307	11.008	FARINHA DE TRIGO E TRIGO			
Condimento	-	-	94	Farinha de trigo	-	-	15.646
Conserva alimenticia	-	-	166	Trigo em grão	57.636	22.879	552.522

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural com dados de "Diário de Comércio", e Associação Comercial de S.Paulo.

IMPORTAÇÃO DE CABOTAGEM PELO PORTO DE SANTOS, em 1951

(em toneladas)

PRODUTOS	nov.	dez.	jan./dez.	PRODUTOS	nov.	dez.	jan./dez.
ADUBOS				GENEROS ALIMENTICIOS			
Adubos	198	49	1.480	Cacau	67	129	904
BEBIDAS				Café	-	-	1
Aguardente	131	136	2.180	Carne	131	59	483
Vinhos	766	3.084	21.152	Carne de porco	46	12	303
Bebidas n.o.s.	31	9	304	Castanha	12	12	133
CEREAIS				Cebola	-	102	27.343
Arroz	406	672	4.171	Céso	243	338	4.206
Aveia	31	28	244	Céso ralado	162	45	1.562
Cevada	119	10	4.064	Condimentos	15	8	674
Milho	-	-	-	Conservas	250	498	5.246
PRODUTOS ANIMAIS				Dóces	7	25	220
Cêra de abelhas	2	-	157	Extrato de tomate	904	186	3.187
Crina	47	95	891	Farinhas n.o.s.	1	0	141
Pêles	52	36	557	Farinha mandioca	20	92	1.497
DIVERSOS				Fecula mandioca	157	-	1.410
Fumo	326	497	6.422	Feijão	72	60	1.168
Fumo em folhas	76	559	4.295	Leite em côco	75	56	795
FIBRAS E FIOS				Lentilha	16,	-	771
Agave	101	135	722	Peixe	20	96	215
Algodão	2.133	4.733	24.837	Pimenta	1	-	70
Caroá	394	806	6.102	Sal	19.769	11.447	217.470
Côco	-	2	29	Tapioca	-	5	47
Juta	391	617	12.480	MADEIRAS			
Lã	53	53	7.078	Canela	62	108	931
Malva	279	351	1.649	Cedro	27	183	906
Paina	7	2	50	Embuia	120	98	1.066
Piagabe	59	73	776	Freijó	-	-	320
Sisal	253	177	2.396	Peroba	59	-	328
Uacima	130	6	836	Pinho	1.789	2.866	52.995
Fios de algodão	-	-	37	Susupira	188	6	611
Fios de côco	1	-	7	Madreiras n.o.s.	-	-	-
ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS				PRODUTOS DE HORTICULTURA			
Cêra de carnaúba	4	27	149	E SEMENTES			
Cêra de ouricuri	1	1	69	Alpiste	66	67	944
Manteiga de cacau	47	30	777	Babaquí	306	3.757	11.924
Óleo de Babaquí	64	649	1.638	Guaraná	4	-	93
Óleo de car.algodão	152	620	3.916	Gergelin	-	97	140
Óleo de linhaça	52	179	2.773	Ouricuri	-	-	534
Óleo de côco	11	-	141	Semente de ucuúba	-	371	674
Óleo de sítioica	17	12	286	Sementes n.o.s.	-	-	-
Óleo de sassafraz	-	-	8	RESÍDUOS E TORTAS			
Óleo de tungue	-	-	34	Torta de cacau	167	226	5.331
Óleo de ucuúba	-	-	40	Resíduos de algodão	20	266	1.647
Sabo de ucuúba	26	95	659	Tortas n.o.s.	-	-	-
GENEROS ALIMENTICIOS				TRIGO E FARINHA DE TRIGO			
Açúcar	15.407	21.099	142.749	Farinha de trigo	300	175	6.196
Açúcar cristal	-	-	7.213	Trigo em grão	30	635	43.321
Banha	402	289	4.086				
Batata	-	-	1.775				

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados de "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS
E MUNICÍPIOS

1950

LEGENDA

- SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- ◊ SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- ★ MUNICÍPIOS
- ▭ DIVISÃO DE SETORES
- ▭ DIVISÃO DE REGIÕES
- ▭ DIVISÃO DE MUNICÍPIOS